

A young girl with long brown hair, smiling and holding a globe. The background is a soft-focus green, suggesting an outdoor setting. The globe is a standard classroom model with continents and oceans in muted colors.

TEMAS E CONCEITOS DA
**GEOGRAFIA ESCOLAR
BRASILEIRA:**
ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES

CAPÍTULO 9

NOVAGEOGRAFIACULTURAL:UMAANÁLISEDESUASMUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES. E A RELAÇÕES DOS CONCEITOS DE LUGAR E REGIÃO COM O TEMA GERADOR DO GEOPARQUE MUNDIAL CAMINHOS DOS CÂNIOS DO SUL

Túlio Cícero Saldanha Parrot
Uberson Rossa

<https://doi.org/10.53455/2023cap9>

Introdução

A proposta da sequência didática desenvolvida no mestrado de Ensino de Geografia (PROFGEO) tem foco na abordagem do tema Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, que compõe a Rede Global de Geoparques da UNESCO e está situado no Brasil entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Os Geoparques Mundiais da UNESCO são áreas geográficas unificadas, onde sítios e paisagens de relevância geológica internacional são administrados com base em um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável. Sua abordagem ascendente combina a conservação com desenvolvimento sustentável e, ao mesmo tempo, envolve as comunidades locais, se tornando cada vez mais popular.

Atualmente, existem 177 Geoparques Mundiais da UNESCO em 46 países e, no Brasil, são três: o Geoparque Mundial Araripe, localizado na Bacia do Araripe, considerada a maior bacia sedimentar do interior do Nordeste brasileiro, o Geoparque Mundial Seridó, que abrange o semiárido nordestino, e o Geoparque Mundial Caminhos dos Cânions do Sul, no sul do Brasil, que abrange uma área de 2.830,8 km² e abriga 74.120 habitantes, caracterizada pela Mata Atlântica, um dos ecossistemas mais ricos do planeta em termos de biodiversidade (UNESCO, 2022).

A linha de pesquisa na qual o projeto de pesquisa está inserido é a das linguagens no ensino de Geografia. A sequência didática está sendo elaborada segundo a taxonomia revisada de Bloom (2001), com conteúdo procedimental: material de aprendizagem composto por atividades, situações, ferramentas e recursos práticos.

A taxonomia proposta por Bloom *et al.* (1956) tem como objetivo ajudar no planejamento, organização e controle dos objetivos de aprendizagem.

Em relação à Nova Geografia Cultural, esta análise levou a um entendimento de que a Geografia Cultural passou por várias etapas até se estruturar à forma como é conhecida. Embora a Geografia Cultural tenha ganhado uma identidade com a obra de Sauer e seus discípulos, a dimensão cultural já estava presente na Geografia do século XIX.

Este capítulo aborda a Nova Geografia Cultural, buscando analisar as transformações e mudanças que esta sofreu ao longo de um determinado tempo histórico. E as relações que existem entre esta proposta de sequência didática, que tem como tema gerador o Geoparque Mundial Caminhos dos Cânions do Sul, localizado no sul do Brasil, com o Lugar e a Região, que terão seus conceitos expostos a seguir.

Geografia Cultural

De acordo com Claval (2007), a primeira fase da Geografia Cultural ocorreu entre o fim do século XIX e meados do século XX, a princípio na Alemanha e França e, posteriormente, a partir de 1925, nos Estados Unidos.

O segundo período ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, relacionado ao tempo em que a Geografia Cultural passou por reformulação na tentativa de uma formulação metodológica. A partir da década de 1970, houve uma mudança significativa na Geografia Cultural, em que ela deixou de ser tratada como um subdomínio da Geografia, se colocando no mesmo patamar que a Geografia Econômica e a Geografia Política.

A Geografia Cultural entrou em crise no fim da década de 1970, devido às severas críticas recebidas provenientes de diversas fontes. Os problemas colocados pela transmissão da cultura, assim como a análise das diferentes formas com que esta se apresenta em uma mesma sociedade, foram negligenciados pelos primeiros geógrafos culturais (CLAVAl, 2007).

Com o progresso dos meios de comunicação, a uniformização das técnicas progredia rapidamente. O resultado foi que o objeto, mesmo dessa subdisciplina, estava desaparecendo; alguns geógrafos pensavam que ela tinha também de desaparecer.

No campo da epistemologia, as fronteiras entre as ciências humanas, e entre elas e as humanidades, apareceram pela primeira vez como discutíveis. Na década de 1980, começou-se a falar de uma virada linguística na história e de uma virada espacial nas ciências sociais. No meio da década de 1990, os geógrafos começaram a falar da virada cultural da Geografia. Existe evidentemente uma relação entre essas três viradas.

A Virada Cultural na Geografia

Segundo Claval (2007), a virada espacial das ciências sociais testemunha o fim do privilégio do tempo na análise da vida social: os cientistas descobrem o papel da distância e da diversidade dos lugares. A fronteira entre as ciências sociais e a Geografia se torna menos significativa. A virada linguística da história testemunha uma atenção nova às formulações próprias a cada época, a cada lugar, à diversidade das culturas no espaço e no tempo. Foi o final dos antigos quadros de análise, o interesse limitado para o espaço, a preeminência do tempo e a atenção exclusiva dada às culturas dominantes. A expressão “virada cultural” tem um sentido próximo na Geografia (COOK *et al.*, 2000), pois a disciplina aparecia como um conjunto de subdisciplinas: Geografia Econômica, Geografia Cultural, Geografia Social, Geografia Rural, Geografia Urbana, Geografia Política, etc.

As fronteiras entre as subdisciplinas eram rígidas e fortes, assim como entre a Geografia, as outras ciências sociais (salvo a história) e as humanidades eram ainda mais altas e rígidas. Construir uma Geografia Cultural como um compartimento isolado da Geografia não fazia sentido: a construção de uma subdisciplina desse tipo tem um valor prático, sendo mais importante entender o papel da cultura no conjunto dos fenômenos geográficos: daí o sentido novo da abordagem cultural na Geografia (CLAVALL, 2007). Considerando-se que certa continuidade não significa necessariamente semelhança.

Nas palavras de Claval (2007), a virada cultural caracteriza-se pelo alargamento do campo de estudos. A diversidade dos componentes da sociedade e as suas subculturas são analisadas: culturas do trabalho e culturas do lazer e do turismo; culturas dos jovens, das mulheres, dos velhos; cultura dos grupos dominantes e culturas das minorias e dos marginais. A análise da base material da cultura não se reduz mais às instalações produtivas, aos edifícios, às ferramentas, leva em conta também as áreas e instalações de lazer, as festas, os templos e igrejas, as cerimônias religiosas.

A paisagem tem uma dimensão simbólica: a preservação de algumas de suas formas aparece como um imperativo social. O estudo das atitudes dos grupos humanos no domínio da natureza e da ecologia torna-se cada dia mais central nos estudos culturais. Ela tem que integrar as contribuições da primeira metade do século XX e aquelas, mais críticas, do período contemporâneo. Não se constitui uma subdisciplina paralela a outras subdisciplinas, aparece como um fundamento comum, que explica a construção dos indivíduos, do espaço, da sociedade e de sistemas normativos. Permite compreender uma parte dos conflitos sociais na escala local, na escala das nações e no nível internacional. Esclarecendo a gênese dos fundamentalismos, a proliferação das seitas e o interesse com o patrimônio. Porém, a ênfase dada à cultura pode tornar-se perigosa: a ciência não tem que legitimar o desenvolvimento de grupos fechados e da xenofobia (CLAVAL, 2007).

As Relações com o Lugar

A sequência didática na abordagem do tema Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul apresenta relações com os conceitos geográficos de lugar e região. E uma das mais antigas definições de lugar foi apresentada por Aristóteles, na sua obra intitulada *Física*, em que o lugar aparece como o limite que circunda o corpo. Posteriormente, René Descartes afirma que além de delimitar o corpo, o lugar deveria ser também definido em relação à posição de outros corpos (LEITE, 1998, p. 9).

No século XX, na Geografia clássica, quando a confecção de mapas era um dos principais fundamentos da disciplina, o estudo dos lugares, em seu sentido locacional, era utilizado para definir os

objetivos da Geografia enquanto ciência. Vidal de La Blache, sobre as características próprias da Geografia, em 1913, afirma que: “a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens” (LA BLACHE, 1982, p. 47).

O inglês Stuart Hall (1997) e outros pesquisadores dos Estudos Culturais explicam as emergências da cultura, como as encontradas nas constatações de Milton Santos, em que a cultura assume uma posição central, porque perpassa por tudo o que acontece nas nossas vidas e todas as representações que fazemos dos acontecimentos e dos lugares. A centralidade da cultura, como propõem os Estudos Culturais, questiona o imperativo de explicar e analisar os conflitos por uma única contradição, que é a diferença de classes. Isso impedia de pensar a pluralidade de matrizes culturais, a diversidade cultural e a flexibilização dessa lógica, o que permitiu o redesenho das relações entre cultura e classes sociais, por meio da abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político, da expansão da noção de poder.

Alcançando considerações sobre esses estudos às investigações no campo da Geografia, apontam-se reorientações que essa “virada” pode trazer como, por exemplo, de que padrões estético-literários de Geografia ou de lugar passem a ser vistos apenas como uma expressão sociocultural de Geografia ou de lugar. Assim como ter alargado o conceito de cultura, incluindo as práticas e sentidos do cotidiano, reforçá-lo e aprofundá-lo na Geografia, por sua vez, propicia uma segunda mudança importante: todo contexto socioespacial deve ser visto em relação às expressões culturais, simbólicas, às instituições, às relações de poder e à história. Com isso, desenvolveu-se a ideia de que a razão simbólica, parte do processo de constituição do lugar, desnaturaliza seu significado de localismo e revela sua dimensão cultural. Dimensão na qual o imaginário coletivo define a concepção social de lugar e a traduz, transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura (GONÇALVES, 2007, p. 532).

Hall (2003) aborda os impactos da tensão entre o global e o local na transformação das identidades. E o lugar não pode mais ser pensado como um espaço bem delimitado ou de controle político-administrativo, como uma rua, um bairro ou uma cidade, que reserve

tradições puras e onde perdure uma lógica histórica que se explique por si mesma ou onde a história da sua formação espacial coincida com a história individual de todos os sujeitos ou comunidades que ali vivem. Não para se referir aos lugares como aquilo que conserva identidades purificadas, cujas lógicas de pertencimento, de representação, de desenvolvimento de conhecimentos e práticas de seus sujeitos provêm de ordens e lógicas estruturadas, aproximadas espacialmente, totalmente conhecidas e controladas.

Em período de globalização, áreas diferentes do Brasil e da Terra são postas em interconexão umas com as outras, por meio de processos que “integram e conectam comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo em realidade e em experiência, mais interconectado” (HALL, 2003, p. 67).

Faz parte, portanto, do processo de alargamento da ideia de lugar, ponderar que o espaço e o tempo, em suas dimensões, tanto materiais como simbólicas, são as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação, pois todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, sistemas corporais, orais, gestuais – traduz seu objeto em dimensões espaciais e temporais (GONÇALVES, 2007, p. 532).

As Relações com a Região

Para entender o conceito de região dentro da Geografia, denominado na Geografia tradicional como uma ciência corológica, “[...] sendo conveniente usar o termo ‘corologia’, isto é, ‘ciência das regiões’” (HAESBAERT, 2010, p. 27). Assim, esse conceito está intrinsecamente ligado à diferenciação de áreas, a particularidades de um determinado recorte espacial, como expressa a origem etimológica do termo.

É importante reconhecer que a própria origem etimológica do termo região já traz a alusão a “recorte” ou delimitação. Segundo o Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine, “regio” designa as linhas retas traçadas no céu pelos áugures [adivinhos romanos] para aí delimitarem as partes; daí o sentido de “limites,

fronteiras e, em consequência, “porção delimitada, bairro, região”. Por outro lado, ao mesmo tempo se refere a limite, área delimitada; devemos lembrar que a raiz “reg” indicava também movimento (em linha reta) (HAESBAERT, 2010, p. 24).

O conceito de região é considerado um dos conceitos-chave para o estudo da ciência geográfica, sendo a região “um dos conceitos mais tradicionais da Geografia, e que durante muitas décadas foi, para um grande número de geógrafos, o seu verdadeiro ‘carro chefe’” (SOUZA, 2013, p. 135). Os geógrafos passaram a adjetivar a noção de região como uma tentativa de “diferenciá-la de seu uso pelo senso comum”. Nos últimos dois séculos, surgiram os conceitos de região natural, região geográfica, região homogênea, etc. As discussões que foram travadas sobre estes acabaram provocando debates, nos quais o tema predominante passou a ser a natureza, o alcance e o estatuto do conhecimento geográfico (CUNHA, 2000).

Conclusão

A análise das transformações no ensino da Geografia até a Nova Geografia Cultural foi importante para ampliar o nosso entendimento sobre o papel da cultura no conjunto dos fenômenos geográficos. Permeando também áreas em que nossa sequência didática irá transitar com maior ou menor intensidade, como a diversidade da sociedade e as suas subculturas: do trabalho, do lazer e do turismo, dos jovens, das mulheres e dos idosos.

E a abordagem dos conceitos de Lugar e Região também foram importantes, porque guardam relação com os Geoparques Mundiais da UNESCO, que são áreas geográficas unificadas, onde paisagens e sítios que apresentam relevância geológica internacional, são administrados com base em desenvolvimento sustentável e educação, por meio de um processo ascendente da base ao topo, que envolve todas as partes interessadas, como autoridades, locais e regionais, proprietários de terra, grupos comunitários, profissionais de turismo, povos indígenas e organizações sociais locais.

As atividades que se desenvolvem em sala de aula também requerem compromissos com as comunidades locais, além de múltiplas parcerias locais com apoio público e político de longo

prazo. A união dos interesses acadêmico, político e social permitirá o desenvolvimento de estratégias realistas e exequíveis para o desenvolvimento e manutenção do Geoparque. A contribuição do ensino de Geografia é muito relevante, porque além do conhecimento científico, discute-se em sala de aula a valorização da cultura do lugar e de sua região. Ações pedagógicas que impactarão na construção de um turismo consciente dentro do Geoparque, alternativa econômica sustentável para manter os jovens nas áreas rurais, diminuindo o êxodo rural destes, cujas ausências afetam muitas famílias do campo.

Referências

ANTUNES, Celso. **As Inteligências Múltiplas e seus Estímulos**. Campinas: Ed. Papirus, 172 p., 2015.

CLAVAL, P. C. C. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 2007.

CLAVAL, P. C. C. **Geografia Cultural**: um balanço. Revista Geografia Londrina, Londrina, v. 20, n. 3, p. 5-24, set./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160/11911>>. Acesso em: 13 dez. 2022.

COOK I.; D. Crouch; S. Naylor; J. Ryan, (eds.) 2000, **Cultural turns/geographical turns**: perspectives on cultural geography, London: Prentice Hall.

COSTA, Carlos Odilon da. **Fundamentos epistemológicos da geografia**. Indaial: UNIASSELVI, 2019. 217 p.

CUNHA, L. A. G. **Sobre o Conceito de Região**. Revista de História Regional 39-56. Inverno, 2000.

E-DOCENTE. **Sequência didática**: guia para a elaboração e execução. Disponível em: <https://www.edocente.com.br/blog/escola/sequencia-didatica-para-educacao-basica/#:~:text=A%20sequ%C3%Aancia%20did%C3%A1tica%20%C3%A9%20uma%20estrat%C3%A9gia%20que%20valoriza%20os%20conhecimentos,alunos%20compreenderem%20sobre%20um%20tema>. Acesso em: 30 abr. 2022.

EDUCADOR DO FUTURO. **O que é Taxonomia de Bloom?** Entenda

a versão revisada; 2001. Disponível em: <https://educadordofuturo.com.br/educacao/taxonomia-de-bloom/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

FERRARI, Márcio. NOVA ESCOLA. **Howard Gardner, o cientista das inteligências múltiplas**, 2008; Nova Escola. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1462/howard-gardner-o-cientista-das-inteligencias-multiplas>. Acesso em: 28 abr. 2022.

GARDNER, Howard. **Inteligência – Um Conceito Reformulado**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 348 p., 2000.

GARDNER, Howard. **Inteligência – Um Conceito Reformulado**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 348 p., 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, Amanda Regina. **Repensando o lugar na Geografia: Espaços-Tempos cotidianos de conhecimentos e práticas sociais**. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 32, n. 3, p. 521-537, set./dez. 2007.

HAESBAERT, R. **Regional-Global: Dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2. Jul./dez. 1997, p. 15-46.

HOSE, T.A. Geoturismo europeo. Interpretación geológica y promoción de la conservación geológica para turistas. In: D. BARETTINO, W.A.P. WIMBLEDON YE. GALLEGU. **Patrimonio Geológico: conservación y gestión**: (Eds.), 2000, p. 137-159

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Aleph, 2009.

LA BLACHE, Vidal de. As características próprias da geografia. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo:

Difel, 1982.

LEITE, Adriana Filgueira. O lugar: duas acepções geográficas. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**. Rio de Janeiro. v. 21, p. 9-20. 1998.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Editora Cultrix, 1974.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”, Anais... Maringá: UEM, 2007.

UNESCO. **Geociências e Geoparques Mundiais da UNESCO**. 2022. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/earth-science-geoparks>. Acesso em: 28 abr. 2022.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Editora Cultrix, 1974.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”, Anais... Maringá: UEM, 2007.

UNESCO. **Geociências e Geoparques Mundiais da UNESCO**. 2022. Disponível em: <https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/earth-science-geoparks>. Acesso em: 28 abr. 2022.